

EUROPA, UCRÂNIA: OBSTINAÇÃO SEM SAÍDA

Por Éric Denécé*



Imagem gerada por inteligência artificial.

Os EUA deram uma reviravolta, algo a que a defesa de seus interesses já nos acostumou há muito tempo, e só surpreende os ingênuos ou os que não conhecem a história.

Enquanto o novo governo dos EUA e os líderes europeus discordam sobre se devem acabar rapidamente com a guerra na Ucrânia ou continuar apoiando Kiev, vale lembrar que os três atores por trás deste conflito que vem destruindo a Europa desde fevereiro de 2022 são:

- Os Estados Unidos, através do seu desejo de enfraquecer – ou mesmo desmembrar – a Rússia e se apoderar dos seus recursos humanos e materiais na perspectiva de um possível confronto com a China. Desde a queda da URSS, Washington continuou a renegar seus compromissos com Moscou, continuando a expandir a OTAN – chegando ao ponto de instalar seus mísseis nas fronteiras da Rússia (Polônia e Romênia) –, retirando-se dos tratados de limitação de armas que ajudaram a regular a Guerra Fria, armando Kiev e rejeitando veementemente todas as propostas para uma nova arquitetura de segurança na Europa apresentadas por Moscou;
- A Ucrânia, cujo regime, recordemos, é o resultado de um golpe de Estado antidemocrático organizado e apoiado pelo Ocidente (2014) e que lançou, em 17 de fevereiro de 2022, uma operação de força para reconquistar o Donbass, cujas populações russófonas se tinham revoltado contra a proibição da sua língua por Kiev e exigiam uma maior autonomia no quadro da Ucrânia – e não a independência. Ao que o regime de Zelensky e suas milícias neonazistas responderam com violência (15.000 mortes entre 2014 e 2021). Além disso, Kiev exigiu a adesão à OTAN, apesar dos avisos sérios e legítimos de Moscou;

- A Rússia, finalmente, que, perante esta situação, decidiu pela primeira vez tomar a Crimeia em 2014 (especificamente porque Kiev se tinha oferecido para alugar a base de Sebastopol à Marinha dos EUA); então, não tendo outros meios de fazer valer seus interesses de segurança, Moscou lançou sua operação militar especial (e não uma invasão) para forçar a Ucrânia a mudar sua política, derrubar o regime de Zelensky e proteger a população de língua russa de Donbass, perseguida por Kiev.

Portanto, apesar da narrativa concebida pelos assessores de imprensa americanos e ucranianos e repetida pela mídia ocidental sob ordens, os erros são amplamente compartilhados. E neste quadro, a Europa tem pouco a ver com isso. Certamente, a França e a Alemanha são culpadas por terem violado os acordos de Minsk, com o consentimento de Washington. Mas os estados da União Europeia só implementaram a política dos EUA ao concordar em apoiar o regime corrupto de Kiev e cumprir as diretrizes da OTAN.

No entanto, hoje é ela quem persiste em continuar a guerra e apoiar o regime criminoso em Kiev. Criminoso porque Zelensky e sua camarilha decidiram continuar enviando seus concidadãos para o *front* e para a morte, mesmo que o resultado do conflito já esteja decidido. Criminosos porque os membros deste regime, cujas torpezas são bem conhecidas, embora silenciadas pela nossa mídia (desvio de fundos, lavagem de dinheiro, tráfico de armas, proibição de partidos e meios de comunicação da oposição, batidas e prisões, suspensão de eleições, mentiras, etc.), se beneficiam muito diretamente do apoio financeiro do Ocidente para enriquecerem pessoalmente. Trump e sua equipe entenderam isso muito bem e querem pôr fim a esse conflito, bem como a essa comédia pseudodemocrática e pseudo-heroica.

ACABAR COM A GUERRA

É claro que, após três anos de conflito, a situação é dramática para os beligerantes e seus apoiadores: mortes, feridos, emigração em massa, destruição de infraestrutura, ruptura política e econômica entre a Rússia e o Ocidente, sanções, crise energética e econômica...

Aqueles que pagaram o preço mais alto foram, é claro, os ucranianos de ambos os lados. Depois vêm os europeus, para quem o custo desta guerra foi proibitivo, embora não a tenham causado – mas tornaram-se corresponsáveis por ela através do seu apoio irresponsável a Kiev – causando o enfraquecimento da sua economia e a destruição da sua indústria.

A Rússia também perdeu muitos homens e suas relações com seus vizinhos europeus se tornaram antagônicas. Mas sua situação econômica não foi prejudicada pelas sanções, apesar das falsas esperanças do Ocidente, e está mostrando uma resiliência notável. O Sul Global não a abandonou apesar da pressão, ciente da política iníqua dos americanos e seus auxiliares europeus. Pelo contrário, o cansaço do ditame ocidental, caracterizado por seus “padrões duplos”, está se tornando cada vez mais explícito no mundo. Acima de tudo, as forças russas estão vencendo militarmente em campo e alcançando objetivos que Moscou nunca havia previsto antes desta crise, porque a Rússia nunca reivindicou Donbass.

Para os Estados Unidos, finalmente, é um histórico misto. Certamente, eles conseguiram causar uma ruptura duradoura nas relações UE-Rússia, retomar o controle da OTAN e vassalizar a Europa, enfraquecer seu *status* como concorrente econômico e enriquecer vendendo grandes quantidades de GNL para substituir o gás e as armas russas. Mas, na realidade, é um grande fracasso para a estratégia iniciada pelos neoconservadores, que não atingiu seu objetivo principal: o enfraquecimento da Rússia. Pelo contrário, ela parece mais forte hoje do que no início do conflito e o multilateralismo defendido pelos BRICS parece estar a caminho de desafiar o unilateralismo americano.

Tudo isso é claramente percebido por aqueles que conseguem analisar objetivamente esse conflito. Foi o que fizeram Trump e sua equipe, que entenderam que as políticas de seus antecessores não levariam a lugar nenhum. Daí o desejo de pôr fim rapidamente a esta carnificina que já não serve aos seus interesses.

Lembremos que o primeiro desfecho deste conflito quase ocorreu no final de abril de 2022, apenas seis semanas após o início da operação militar especial russa. Kiev e Moscou chegaram a um acordo graças à intercessão de Israel e da Turquia. Mas os neoconservadores do governo Biden se opuseram a isso e enviaram Boris Johnson a Kiev com ordens de continuar a guerra. Essa decisão insana, que Zelensky aceitou imediatamente, os torna, sem dúvida, corresponsáveis pelas centenas de milhares de vítimas dos três anos seguintes.

ILUSÕES EUROPEIAS E MIRAGENS UCRANIANAS

É urgente pôr fim a este confronto, cujo destino está decidido militarmente.

No entanto, a Europa e seus líderes estão mostrando sua determinação em continuar apoiando Kiev, continuando a afirmar que a Ucrânia é apenas uma vítima e que deve recuperar a integridade territorial sem quaisquer fundamentos históricos reais, e invocando a forte probabilidade de uma futura invasão russa da Europa, um argumento infundado e mentiroso construído pela OTAN.

Todos esses líderes que se opõem bravamente à política do novo governo Trump, defendendo a independência imprescritível da Europa, e que hoje proclamam em coro que o Velho Continente não pode ser vassalo dos Estados Unidos, omitem ou querem fazer esquecer o fato de que têm sido os executores obsequiosos da estratégia dos neoconservadores da equipe de Biden desde 2021. Mas eles não estão isentos de contradições.

Por que eles persistem? Existem várias hipóteses: ou pela ideologia, sendo adquirida pelas ideias neoconservadoras do outro lado do Atlântico; ou porque querem aproveitar esta crise para fazer da UE um estado federal liderado por Bruxelas, apresentando aos povos um fato consumado; seja por interesse pessoal; ou simplesmente por estupidez, como Edgar Quinet suspeitava de certos políticos já em 1865:

“Muitas vezes rejeitamos como traição e perfídia o que pertence à estupidez. Os historiadores não lhe dão o grande papel que merece nos assuntos humanos. É por falta de visão? É orgulho tolo aquele que consente em reconhecer-se como criminoso

e não como ingênuo? Preferimos a traição e o crime, porque eles tornam o homem um sujeito mais trágico e, pelo menos, o elevam ao cadafalso.

Para mim, eu via menos grandeza nele na minha época. Tenho visto nos grandes negócios tanta desatenção, uma obstinação tão inveterada em cegar-se, uma vontade tão absoluta de se perder, um amor tão apaixonado e instintivo pelo falso, um horror tão arraigado ao óbvio e, para dizer tudo, uma estupidez tão grande e tão miraculosa, que estou, pelo contrário, disposto a crer que ela explica a maior parte dos casos litigiosos, e que a perfídia, a traição, o crime são apenas a exceção”¹.

A obstinação dos líderes europeus é ainda mais desastrosa porque os últimos três anos mostraram que este conflito foi devastador para a economia europeia e que os seus Estados-membros foram incapazes de garantir a sua própria segurança ou de apoiar eficazmente a Ucrânia em termos de armamentos.

Este conflito terminará em breve, com ou sem a participação da Europa. O governo Trump já iniciou negociações com a Rússia, um sinal de que esta foi de fato uma guerra entre EUA e Rússia por meio de ucranianos, OTAN e europeus. O novo anfitrião da Casa Branca já anunciou que a Ucrânia não se juntará à OTAN e, após seu encontro tempestuoso com Zelensky na Casa Branca, ele está considerando seriamente suspender o apoio financeiro e militar a Kiev.

Os Estados Unidos deram uma reviravolta, algo a que sua política pragmática de defesa de seus interesses já nos acostumou há muito tempo. Só os ingênuos ou aqueles que não estão familiarizados com a história ficam surpresos. Depois de atrair ucranianos e europeus para o conflito, eles os abandonam e validam uma forma de vitória russa.

Sejamos claros: a Ucrânia não vai recuperar a Crimeia ou o Donbass. Esperemos que ele não se junte à União Europeia, o que desestabilizaria e criminalizaria ainda mais nossas economias, já consideravelmente enfraquecidas por este conflito. Somente a paz, a reconstrução do país e sua neutralidade são soluções realistas. O jogo acabou para Zelensky. Mas este último e seus cúmplices europeus ainda não entenderam isso.

Publicado no [Cf2R](#).

***Éric Denécé** é cientista político, diretor do Centro Francês de Pesquisa e Informação e professor associado na universidade Bordeaux IV-Montesquieu em Bordeaux, na França. Ao longo de sua carreira, foi analista de informação e consultor do Ministério da Defesa francês atuando em projetos sobre o futuro das forças especiais.

¹ Edgar Quinet, *La Révolution* (tomo 2, 1865), Belin, Paris, reedição de 1987, Livro XXIV, p. 1030 a 1033.